

novellae olivarum

NOVELLAE OLIVARUM

Revista dos alunos do Seminário de Cristo-Rei dos Olivais

DIRECTOR

José Seabra Dinis

REDACTORES

António Henrique

Luís Moita

António Serrão

ADMINISTRADORES

Manuel Álvaro Quintas

Vítor Gualdino

PROPRIETÁRIO
E EDITOR

António Pina Coelho

COMPOSIÇÃO
E IMPRESSÃO
DA UNIÃO GRÁFICA (LISBOA)

COM A APROVAÇÃO DA
AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

SUMÁRIO

COMO EU VI ARS — **Manuel Álvaro Quintas** 49

ESTAMPAS E «SANTINHOS» — **J. Policarpo** 60

PANORAMA: CULTURA CINEMATOGRÁFICA DO CLERO 73

BIBLIOGRAFIA 76

CRÓNICA 79

ANO XVII NÚMERO 168 FEVEREIRO 1960

Assinatura anual	25$00
À cobrança	29$00
Número avulso	3$50
Para Seminaristas de qualquer Seminário assinatura anual	20$00

CAPA DE LEAL DA COSTA

CÍRCULO DO HUMANISMO CRISTÃO

VOLUMES PUBLICADOS

DISPARATES DO MUNDO, de G. K. Chesterton

PENSAMENTOS, de Pascal

FORÇA E FRAQUEZAS DA FAMÍLIA, de Jean Lacroix

IMITAÇÃO DE CRISTO, de Tomás de Kêmpis

OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO E AS ORIGENS DO CRISTIANISMO, de Jean Daniélou

MORAL SEXUAL E DIFICULDADES CONTEMPORÂNEAS (1.º volume), por um grupo de teólogos e médicos franceses

AUTOBIOGRAFIA, de G. K. Chesterton

PEÇA AS CONDIÇÕES DE ASSINATURA DESTA COLECÇÃO
12$50 POR MÊS ● UM LIVRO DE DOIS EM DOIS MESES

LIVRARIA MORAIS EDITORA

R. da Assunção, 49-51 — LISBOA 2

MARMINDÚSTRIA PORTUGUESA, LD.ª

Oficinas — Pero Pinheiro

Escritório — Rua Barata Salgueiro, 53-2.º
LISBOA

~

MÁRMORES E CANTARIAS

~

Fornecedores das obras de:

Interiores da Igreja de S. João de Deus

Igreja de Moscavide

Colégio das Irmãs de Santa Doroteia (em construção)

Hotel Ritz de Lisboa

Grande Hotel da Figueira da Foz

Embaixada de Portugal em Londres

Liceu Salazar em Lourenço Marques
etc., etc.

CASA NUN'ÁLVARES

PORTO

Rua de Santa Catarina — 630

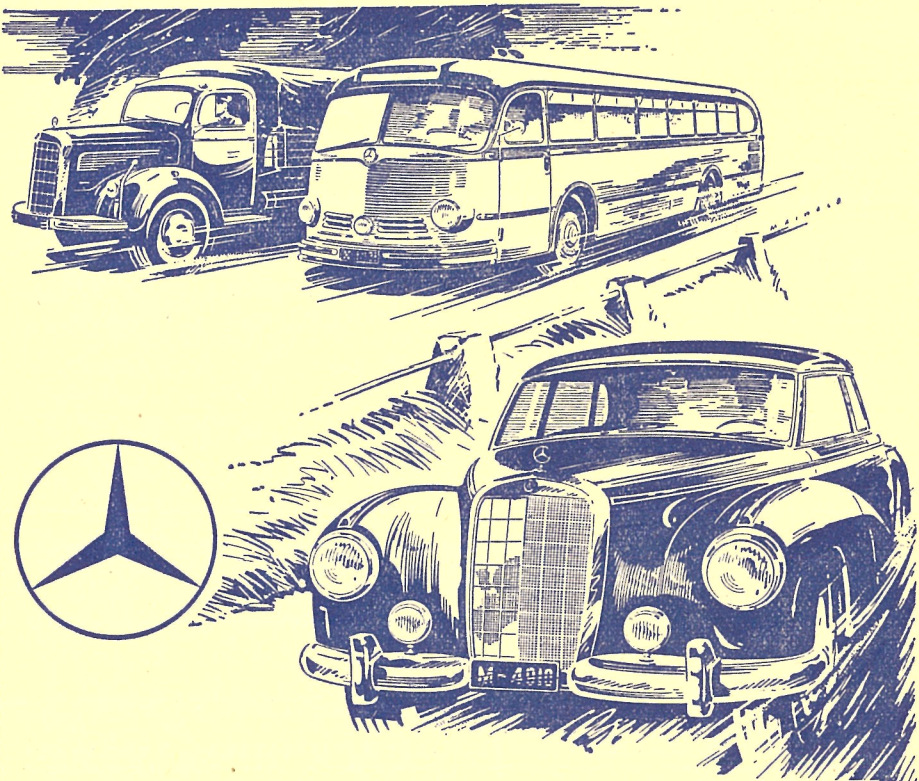
Telefone — P. P. { 23586 / 23587

~

ARTIGOS RELIGIOSOS
TIPOGRAFIA
OBJECTOS DE CULTO
LIVRARIA
PARAMENTOS

~

Enviam-se gratuitamente catálogos ilustrados com cerca de 300 desenhos e preços a quem os requisitar.



MERCEDES-BENZ

UMA CONSAGRADA MARCA ALEMÃ QUE CONSTITUI UMA GARANTIA DA MAIS ELEVADA QUALIDADE E SUPERIOR EFICIÊNCIA EM TODOS OS GÉNEROS DE TRANSPORTE

AUTOMÓVEIS A GASOLINA E DIESEL
VIATURAS LIGEIRAS COMERCIAIS
CAMIÕES E AUTOCARROS DIESEL

REPRESENTANTE

C. SANTOS L.DA

LISBOA ★ PORTO ★ COIMBRA ★ BRAGA ★ OLHÃO

FOI ASSIM QUE EU VI ARS

Depois de muito peregrinar, estávamos já a poucos quilómetros de Ars. O Saône acompanhara-nos durante parte do precurso; os 35 km. que separam Ars de Lyon em breve estariam percorridos. Havia precisamente 141 anos que o P.e João Maria Baptista Vianney fizera aquele mesmo percurso, depois de ouvir da boca de M. Courbon estas palavras: «Meu amigo a 35 km. daqui, nos arredores de Trévoux, nos Dombes, a aldeia de Ars está sem pastor. Ars é uma capelania com cerca de 210 almas... decidimos enviá-lo para lá... há aí pouco amor a Deus, sereis vós que o fareis surgir». Era o dia 9 de Fevereiro de 1818, o P.e Vianney contava então 32 anos, quando se dirigiu a Ars.

★

Deixando a via principal, era agora uma pequena estrada de alcatrão que nos conduzia ao destino. Mais uns minutos, e surgiu essa palavras maravilhosa que milhões de bocas já repetiram — ARS.

Como eu não tinha de Ars a mais pequena idéia, todos os pormenores me eram absolutamente novos e importantes: casas baixas, trabalhadores rurais, grande afluência de peregrinos, tudo convergindo para a basílica, o presbitério ao lado, a Capela da Providência por trás, um clima de recolhimento religioso, uma presença de santidade que nos envolve e eleva, tudo simples, mesmo muito simples.

★

Para eu poder ver assim aquela pequena aldeia, viu-a o P.e Vianney de forma bem diferente. Tendo deixado Écully chegou a Ars (1); ajoelhou e invocou o Anjo da Guarda, dirigindo-se à Igreja aí rezou longamente.

No dia seguinte, Ars ouviu o sino tocando o Angelus; souberam então que chegara o seu pastor.

Os habitantes de Ars embora não fossem pagãos, tinham abandonado os

(1) já perto, perguntou a um pastorzito de nome Givre, o caminho de Ars, «Meu pequeno, diz-lhe o Santo, tu mostraste-me o caminho de Ars, eu te mostrarei o caminho do céu». Uma estátua de Luís Castex — o Santo falando com Givre e apontando o céu — perpetua a recordação deste encontro.

sacramentos, perdido o amor de Deus, esqueciam-se que era preciso salvar as suas almas. Eram uns 200 habitantes e 4 tabernas onde morava o vício da embriaguez; eram as grandes noitadas passadas no baile em que cedo sepultavam a inocência, era o descanso dominical que não era observado, eram as blasfêmias contìnuamente proferidas. Quantas vezes o P.e Vianney pôde ouvir aos domingos de manhã as carroças que se dirigiam para o campo «acarretando as almas para o inferno».

Este arauto de Deus em breve começou a luta contra estes vícios, declarando-lhes guerra de morte. Pouco tempo depois já se ouvia o comentário dos frequentadores das tabernas:

« A aldeia vivia bem sem ele. Que nos deixe em paz».

★

Entrei então na basílica, joelhei diante do Santíssimo. Rezei, pensei e senti. Rezei pela Igreja e por seus pastores, pensei no santo e na sua vida, mas sentir..., não sei dizer o que senti — sei apenas que me achava ali bem interiormente repeti a palavra de Pedro no Tabor: «é bom estarmos aqui». O Senhor estava presente e com Ele estava presente o Santo Vianney, o grande adorador da Eucaristia. Sentia-me envolvido nesse véu de santidade que o Santo tecera durante 40 longos anos, naquela pequenina aldeia.

À direita, num altar lateral uma urna de vidro deixava ver o corpo incorrupto, era o seu «carnaval» (2) que agora em era dado contemplar: 1 m 54, um pouco curvado, testa alta e larga, cabelos longos e grisalhos, profundos sulcos na face, os olhos fechados tinham sido azuis, a extremidade do queixo perto do nariz que era longo — os dentes tinha-os ele vendido (3).A sua fisionomia impressionava, morto há cem anos, julguei-o dormindo.

Sentei-me um pouco a pensar. A sua vida ia decorrendo na minha imaginação...

★

I — ESPIRITUALIDADE DO SANTO CURA D'ARS — VIRTUDES DOMINANTES

ACTIVIDADE APOSTÓLICA E DESEJO DE SOLIDÃO. Era uma noite de 1843 quando o Santo decidiu fugir para se recolher à Trapa de Saint-Lien em Septfons. Há 25 anos que estava em Ars, o seu tempo já não era seu, o ministério do confessionário absorvia toda a sua vida:

«Há tanto tempo que peço aos meus superiores licença para ir para a solidão ou entrar em qualquer ordem religiosa... desde a idade dos 11 anos que procuro a solidão

(2) Nome que ele costumava dar ao seu corpo.

(3) Vendia o que podia para sustentar o orfanato por ele fundado e ao qual dera o significativo nome de «Providência». «Fazia todos os comércios» dizia ele. Em virtude da sua fama de santidade procuravam obter relíquias suas. M.lle Ricotier foi uma das maiores coleccionadoras. À maneira que os dentes lhe iam caindo dava-os a troco duma esmola para os orfãozinhos. «Os dentistas, dizia ele, pedem 5 francos por cada dente. Se alguém me quiser dar 5 francos por cada um dos 12 que me restam, de bom grado os entregarei».

e sempre me tem sido recusada... não tenho tempo para rezar ao bom Deus... quereria ter dois anos diante de mim a fim de me preparar para a morte, chorando a minha pobre vida... oh! como eu seria feliz».

Era pouco mais de meia-noite, ninguém dava pela sua fuga, mas tendo andado 1 km deparou com a cruz que marcava os limites da sua paróquia:

«Será a vontade de Deus que eu cumpro neste momento? A conversão duma só alma não valerá mais que todas as orações que eu fosse fazer na solidão?»

E voltou à Igreja para começar as habituais 16 ou 18 horas de confessionário. Por mais duas vezes tentou sair deste modo, porém os seus paroquianos estavam alerta para o reconduzirem ao Presbitério.

É admirável como conseguia conciliar tão grande actividade com uma vida tão intensa de oração. As poucas horas que os pecadores lhe deixavam livres para o descanso, quantas vezes ele as não passava de joelhos no seu quarto. É significativa a enumeração dalgumas das principais obras (4).

1818 (ano de chegada) restaura a cruz de Montatray
1819 Compra dum confessionário e sino
1820 Constrói o campanário e restaura a capela da SS.ma Virgem
1822 Restaura o teto da Igreja
1823 Constrói a capela de S. João Baptista
1824 Compra a casa Givre para escola de raparigas
1825 Abertura de escola
1826 Aumenta a «Providência», nova fachada à Igreja
1827 (Começo das multidões) A «Providência» torna-se orfanato
1828 Constrói a escadaria da Igreja
1837 Construção da escola dos rapazes
1852 Abertura do pensionato de rapazes
1854 Constrói nova sacristia
1855 Construção da capela dos Irmãos
1858 Compra dum altar de mármore (hoje altar-mor da actual basílica).

Embora seja uma lista muitíssimo incompleta podemos calcular o tempo que lhe ocupavam todas as obras de assistência por ele fundadas.

VIRTUDES DOMINANTES

POBREZA. «Rico para dar aos outros mas pobre para consigo mesmo, viveu num total desprendimento dos bens deste mundo e o seu coração verdadeiramente livre, abria-se de par em par a todas as misérias materiais e espirituais que lhe viessem ao encontro. O meu segredo é muito simples, dizia ele: dar tudo e nada guardar» (5).

Tinha deixado a basílica havia instantes, para entrar no Presbitério separado dela pela estreita rua. Pude encontrá-lo como o Santo o deixara e era impressionante. Ao lado esquerdo a cozinha. Suspensa duma corrente sobre a lareira lá estava a panela que cozia as batatas para uma semana. Ganhvam bulor mas não importava. Sobre uma tosca mesa ainda se conservavam os óculos e a

(4) Pedaço duma lista extraída do livro de Bernard Nodet «Jean-Marie Vianney Curé d'Ars. Sa pensée — son coeur». Pág. 35.

(5) De enciclica de S. S. João XXIII «Sacerdotii nostri primordia» segundo a versão da Lumen, Setembro-Outubro 1959, pág. 770.

correspondência que o Santo ia lendo enquanto comia as batatas do seu «prato» — uma tijela. Toda a casa condizia com aquele cenário de pobreza. Lembrei-me então que dias antes estivera junto do túmulo de S. Francisco de Assis. Também o cura d'Ars vivera cortejando a sua dama — a Pobreza.

Foi mostrando-se pobre que ele conseguiu cativar os seus paroquianos. Vivia a pobreza por espírito sobrenatural, como forma de ascese, como desprendimento total do mundo. Realizava em plenitude a palavra do Senhor «dá aos pobres e terás um tesouro nos céus, depois vem e segue-me» (Marc. 10, 12). Aos seus paroquianos costumava dizer:

«Sou pobre como vós, sou hoje um dos vossos... Estou muito contente: nada me resta e o bom Deus pode chamar-me quando quiser... o imperador não é mais feliz que eu... se a Providência nos deu bens não devemos amarrar a eles o nosso coração... sejamos desinteressados e o bom Deus nos abençoará... o dinheiro é uma poeira perigosa... os vossos bens nao sao senão um depóstio que o Bom Deus vos pôs nas mãos; depois do necessário para vós e vossa família, o resto é devido aos pobres...»

★

OBEDIÊNCIA. «Sobre o espírito de obediência do Santo são incontáveis os testemunhos, podendo afirmar-se que para ele a exacta fidelidade ao *promitto* da ordenação foi ocasião duma renúncia permanente de 40 anos... Convém precisar que esta absoluta submissão à vontade dos seus superiores tinha um carácter inteiramente sobrenatural. Era um acto de fé nas palavras que Jesus disse aos Apóstolos: Quem vos ouve é a Mim que ouve» (6).

Subia agora as escadas que levam ao primeiro andar. Eram de madeira e um pouco íngremes. Quão penosamente as subira o Santo nos últimos anos da sua vida... Quantas vezes ele sonhara abandonar o velho presbitério e recolher-se a um convento; porém estava preso ali pela vontade do seu bispo. Entrei num pequeno compartimento à direita, transformado em museu de relíquias; cada um dos objectos era uma página da história do Santo.

Estava exposta a carta que o nomeara Cónego. Contaram-me então o que conteceu: Mgr. Chalandon chegou à porta da Igreja e mandou chamar o P.e Vianney que como de costume estava no confessionário. Era o dia 25 de Outubro de 1852, o Santo tinha 67 anos. Mgr. Chalandon esforçava-se por convencê-lo a revestir as vestes canonicais que ele tenazmente recusava:

— «Não, não Monsenhor, dê *isso* ao meu coadjutor fica-lhe melhor que a mim».

Por obediência teve de aceitar. Entraram cantando o *Veni Creator*, o cónego Vianney «parecia um supliciado a caminho do cadafalso com a corda ao pescoço» (7).

---

(6) Encíclica citada — pág. 772.

(7) 10 dias depois vendia ele a M.lle Ricotier o seu «camail» canonical por 25 francos aos quais ela juntou mais 25 para atingir o verdadeiro valor. O dinheiro destinava-se a completar a fundação duma missão paroquial. «Se o Monsenhor me der outro, farei assim muito dinheiro». Escreveu depois a comunicar a venda a Monsenhor. E como era Santo teve o condão de se fazer perdoar.

Quando o Bispo achou por bem retirar-lhe a direcção do seu orfanato ([8]), a obra mais querida do seu coração, para a entregar a religiosas, foi preciso uma obediência heróica.

— «Eu não vejo nisso a vontade de Deus, mas o Monsenhor vê-a. Isso é o principal».

«Assim permaneceu o Cura d'Ars disposto a uma obediência cega até à morte».

★

CASTIDADE «Esta ascese necessária da castidade, longe de fechar o sacerdote num estéril egoismo, torna o seu coração mais aberto e mais disponível para todas as necessidades dos seus irmãos: Quando o coração é puro, dizia muito bem o Cura d'Ars, não pode deixar de amar, porque encontrou a fonte do amor que é Deus» ([9]).

Tinha meditado com profunda comoção sobre todas aquelas preciosas relíquias; pus-me à janela contemplando a pequena aldeia.

Havia já muitos anos que ali mesmo o Santo ouvira injuriosas calúnias e o seu nome servindo de rima em quadras pornográficas; dali ouvira uma mulher gritar que era também dele, o filho dela. Cartas anónimas foram mandadas ao Bispo — «a sua palidez de asceta é causada por hábitos de devassidão».

Era o inferno que falava pela boca da embriguez e do vício encarnada num grupo de homens. Estava-se nos primeiros anos da sua chegada a Ars. O Bispo de Belley ordenou rigoroso inquérito. O Pároco de Trévoux, encarregado dessa missão, resumiu o resultado nestas quatro palavras: «Tudo é pura invenção».

Algum tempo depois já eles repetiam: «a castidade brilhava em seu olhar». Ele falava assim:

«Nós somos como pequenos espelhos, nos quais Deus se contempla. Como quereis que Deus se reconheça numa alma impura?... Deus não pode resistir à oração da alma pura, uma alma que nunca cometeu este pecado (impureza) obtém tudo o que quer do Bom Deus... Um corpo casto, uma alma pura! oh! não há nada de mais belo!... A pureza vem do céu; é preciso pedi-la... Para a conservar existem três coisas: a presença de Deus, a oração e os sacramentos...»

★

PENITÊNCIA. O cura d'Ars será para os Sacerdotes «um providencial estímulo na renúncia de si próprio» ([10]).

Saindo daquele pequeno museu, atravessei o estreito corredor; tinha na minha frente o quarto do Santo Cura d'Ars. Um pequeno móvel suportava algumas imagens, quadros de Santos, recordações de família e outros objectos.

---

(8) Orfanato da Providência sustentado por vezes miraculosamente.
(9) Encíclica citada — Lumen pág. 772.
(10) Encíclica citada — Lumen pág. 771.

Sobre a mesa, o Breviário, uns óculos, um discurso com bastantes rasuras de correcção, um tinteiro e uma caneta. Ao canto a cama que umas cortinas podiam tapar. Quantas vezes o demónio, «*le grappin*» o não atormentara ali das mais variadas maneiras, chegando a arrastá-lo pelos pés. Pendurado no leito ali estava o seu terço que um tique nervoso crivara de sinais da unha do polegar esquerdo. No chão ao fundo da cama os seus sapatos velhos, mas mesmo muito velhos e que com ele tanto calcurriaram os caminhos da aldeia. O pavimento era ladrilhado. A um lado, uma estante comportava parte dos seus 400 volumes.

A minha atenção fixou-se numas manchas escuras da parede — era o sangue testemunhando as flagelações sangrentas. E ele explicava: «Aos pecadores dou uma penitência pequena, o resto faço-a eu por eles».

Uma refeição diária foi o seu alimento durante longos anos. À cintura trazia um cilício com numerosos bicos e «Se ele levou a penitência até ao extremo da natureza humana, devemos crer que não a ultrapassou» (11).

O que ele pensava da penitência:

«Nós lamentamo-nos de sofrer; teríamos mais razão para nos lamentar de não sofrer, pois que nada nos torna mais semelhantes a Nosso Senhor. Oh! bela união da alma com Nosso Senhor Jesus Cristo pelo amor da sua Cruz... Deus não exige tanto de nós (como do seu Filho), trata-nos bem mais docemente e nós lamentamo-nos sempre... como é consolador sofrer sob o olhar de Deus e à noite poder dizer: Muito bem, minha alma, tiveste hoje duas ou três horas de semelhança com Jesus-Cristo. Foste flagelada, coroada de espinhos, crucificada com Ele... Que agradável é morrer quando se viveu na cruz... (E a um colega que se lamentava da pouca eficácia do seu apostolado) Tens orado, chorado, gemido, suspirado. Mas tens jejuado, tens feito vigília, tens dormido no chão, tens castigado o teu corpo? Enquanto não chegares aí, não creias ter feito tudo...»

★

HUMILDADE. Em 1855 saiu um decreto municipal ordenando transportes especiais que ligavam Ars directamente com Lyon ou com Villefranche, a mais próxima estação de caminho de ferro. Eram vendidos bilhetes especiais de ida e volta válidos para 8 dias pois os peregrinos tinham que esperar a sua vez. Calcula-se que atendia por ano 80.000 peregrinos.

E como passava por meio de toda aquela gente sem se dar conta de que era ele o móbil e o único centro de interesse? Ele próprio deu a resposta, sem saber que se aplicava a si:

«Quando os santos chegam a um certo grau de perfeição, tornam-se insensíveis, tanto aos elogios como às acusações... se considerarmos bem o que somos, a humildade ser-nos-á fácil e o demónio do orgulho não mais terá lugar no nosso coração... A humildade é para as outras virtudes o que a cadeia é para o terço; tirai a cadeia e cairão as contas, tirai a humildade e todas virtudes desaparecerão... o Bom Deus escolheu-me para ser instrumento de graças que Ele concede aos pecadores, porque eu sou o mais ignorante e o mais miserável de todos os padres. Se houvesse, na diocese, um padre mais ignorante e mais miserável que eu, Deus o escolheria de preferência...»

---

(11) Bernard Nodet — livro citado pág. 42.

★

II — PATRONO DOS PÁROCOS DE TODO O MUNDO (12)

«Meu amigo, dizia a um colega, não sabes o que é passar um pároco pelo tribunal de Deus»

A APOSTASIA DAS MASSAS E O SACERDOTE — O APOSTOLADO DO CURA D'ARS

Sobre uma mesa que o caruncho rendilhara de buracos, estava um guarda chuva, um chapéu e um breviário. Não estranhei cada uma das coisas, estranhava apenas aquele conjunto que me parecia intencional e era-o de facto. É que o Santo tomava aqueles três objectos sempre que ia visitar os seus paroquianos. Por aquelas ruas da aldeia, caminhava sempre muito apressado «com gestos rápidos e um pouco bruscos».

Ia em busca das ovelhas perdidas do seu rebanho:

«Que felizes somos se os pobres nos vierem procurar. Mas se eles não vêm é preciso ir ao seu encontro».

Escolhia geralmente as horas das refeições para se encontrar com toda a família; era a realização do conselho de S. Paulo: «prega a palavra, insiste oportuna e inoportunamente...» (13).

Evitava assim aqueles três erros tão comuns: «separar-se elegantemente, dedicar-se a incendiar ânimos, crer que nada se pode fazer. A solução é outra e bem diferente. Há que ir ao povo, não dum modo laico, mas cristão, ir ao povo é amá-lo» (14). E era assim que ele fazia, interessava-se pelos seus problemas, falava de tudo aquilo que os podia interessar e aí deixava uma palavra de vida eterna; ia ao povo e amava-o.

Quando chegou a Ars não havia assistência, não havia escolas. O orfanato da Providência, as escolas de rapazes e raparigas tudo isso é obra sua. A razão deste profundo interesse dá-a ele:

«a caridade é sempre agradável a Deus. Ela obtem o seu efeito e tocará talvez, um dia, o pecador endurecido».

★

PREGAÇÃO. «Sempre pronto a responder às necessidades das almas, S. João Maria Vianney brilhou como verdadeiro pastor, procurando em abundância o alimento primordial da verdade religiosa. Durante toda a sua vida ele foi pregador e catequista» (15).

---

(12) Na carta Apost. «Anno Jubilari» A. A. S. XXI, 1929, pág. 313, Pio XI, estendia a todo o mundo o celeste patrocínio de São Vianney «para o bem espiritual dos párocos do mundo inteiro».

(13) 2 Tim. 4, 2.

(14) P. M.

(15) Encíclica citada, Lumen pág. 778.

Tendo já visitado o Presbitério, passando por detrás da basílica encontrei uma capela muito simples — chapelle de la Providence. Foi falando aos orfãozinhos da Providência que ele se fez o grande pregador. Aí a sua palavra adquiriu uma fluência natural e espontânea. Os primeiros sermões custaram-lhe muitas vigílias. Preparava-os conscienciosamente, não só porque tinha certa dificuldade no falar mas também porque achava que o improviso era fácil demais para poder produzir algum efeito.

(Infelizmente ainda há «piedosos» escritos que pretendem fazer do Santo um ignorante. É certo que não era um génio, é certo que teve muitas dificuldades no estudo principalmente por ser feito em latim, mas dizer mais que isto é sujeitar-se a errar. Para fazer realçar a obra da Providência divina não é preciso negar a qualidades humanas. Dos 400 volumes da sua biblioteca, grande parte comprou-os ele e estudou-os; se não encontramos ainda mais é porque ele os vendeu para alimentar os seus pobres. Seria mais justo considerá-lo desprovido de memória, que de inteligência).

Ao catecismo dos orfãozinhos vieram juntar-se os peregrinos, teve pois de transferir a catequese para a Igreja; o mundo ainda hoje pasma ao pensar como palavras tão simples foram ocasião de tão grandes conversões.

«No fim da vida a sua escassa voz não podia chegar a todo o auditório, todavia o seu olhar de fogo, as suas lágrimas, os seus gemidos de amor a Deus ou só a expressão de dor ante o pensamento do pecado, convertiam os fiéis reunidos à volta do seu púlpito... Este humilde sacerdote tinha compreendido em alto grau a dignidade e grandeza do ministério da palavra de Deus» (16). Por isso ele foi o grande promotor de *missões paroquiais*. Vinham pregadores a Ars e ele ia também a outras aldeias.

Convidado a ir pregar a uma paróquia vizinha, o pároco advirtiu-o de que ao começar a pregação com certeza muitos se afastariam. O Santo subiu ao púlpito e antes mesmo de fazer o sinal da cruz declarou:

«Devo prevenir-vos que irei pregar sobre o roubo. Se há alguém dentre vós que não tem a consciência tranquila nesta matéria, poderá sair». Escusado será dizer que todos o ouviram até ao fim.

★

APÓSTOLO DO CONFESSIONÁRIO. «A exemplo do Santo Cura d'Ars, os pastores de almas tomarão a peito consagrar-se, com competência e devotadamente, a este ministério tão importante, posto que é aqui finalmente que a misericórdia divina triunfa da malícia dos homens e que o pecador se reconcilia com Deus» (17).

Ao ver aquele confessionário tão simples tão pobre e incómodo mal podemos imaginar os verdadeiros milagres ali operados. Passavam por ali 80.000 penitentes por ano e para todos ele tinha uma palavra breve e apropriada. Muitas vezes, contavam os penitentes, bastava um simples «é pena» ou «salvai a vossa pobre alma» para fazer surgir o arrependimento em corações empe-

(16) Encíclica citada, Lumen pág. 779.
(17) Encíclica citada, Lumen pág. 780.

dernidos. Eram respostas aparentemente banais mas de irresistível efeito pelo tom da súplica e dor com que eram proferidas. Era duma intuição absolutamente sobrenatural não só para aconselhar, mas até para distinguir no meio da multidão aqueles que precisavam de passar para primeiro lugar; várias vezes isso aconteceu...

Sinal infalível de que um grande pecador se aproximava de Ars era o redobrar de fúria do demónio multiplicando as tropelias «*O grappin* sempre é muito estúpido, até me anuncia quando chegam os grandes pecadores».

Deste ministério de misericórdia dizia ele:

«Como é belo pensar que temos um sacramento que cura as chagas da nossa alma... Deus parece esquecer a sua justiça para manifestar sòmente a sua misericórdia... a sua misericórdia é como um forte caudal que arrasta os corações na sua passagem... Não é o pecador que vem a Deus pedir perdão mas é Deus que persegue o pecador e o faz voltar para Ele... Aquele que tira uma alma do inferno salva essa alma e a sua...»

★

O ADORADOR DA EUCARISTIA. «Nada poderia substituir na vida dum sacerdote a oração silenciosa e continuada diante do sacrário... É pela prática dum tal culto, iluminado e fervoroso, para com a Eucaristia que o sacerdote cresce espiritualmente e que se preparam as energias missionárias dos mais valorosos apóstolos» ([18]).

Ars enchera-me a alma, não havia ali lugar para pensamentos profanos, tudo gravitava em volta duma figura extraordinária de santidade... contemplava agora a estátua de Émilien Cabuchet, que conheceu pessoalmente o Santo Cura d'Ars. Representava o Santo em adoração ao Santíssimo. Na imobilidade daquele mármore de Carrara, naquele olhar fixo no Sacrário, naquelas mãos apertadas junto ao peito eu tinha uma pálida idéia desse adorador em êxtase diante da Eucaristia; parecia-me ouvir apenas uma palavra que a comoção lhe embargava na garganta: «Ele está lá». Nos seus catecismos estas três palavras eram as únicas que os peregrinos podiam ouvir às vezes durante mais de um quarto de hora — é que «Aquele que nos ama tanto» estava ali: Era tal a convicção que incutia, que os seus paroquianos perguntavam se ele via o Senhor. Na verdade «ele fizera da Igreja a sua casa».

Da Eucaristia ele falava assim:

«Quando estamos diante do Santíssimo Sacramento, em lugar de olhar em nossa volta, fechemos os olhos e a boca, abramos o nosso coração, o Bom Deus abrirá o seu; nós iremos a Ele, Ele virá a nós, um para pedir, outro para receber; será como um sopro de um a outro... Se tivéssemos fé, veríamos Jesus Cristo no S. Sacramento como os anjos o vêm no céu, Ele está lá e espera-nos... se Deus tivesse coisa mais preciosa Ele no-la daria... Aquele que comunga perde-se em Deus como uma gota de água no Oceano. Ninguém mais o poderá separar... uma comunhão bem feita basta para abrasar uma alma no amor de Deus... Quando uma alma recebe dignamente o sacramento da Eucaristia... ela é humilde, doce, mortificada, caritativa e modesta... é capaz dos maiores sacrifícios: enfim ela é totalmente, diferente... Não digas que não és digno, isso é verdade: não és digno, mas tens necessidade.

([18]) Encíclica citada, Lumen pág. 775.

ORAÇÃO E SANTA MISSA. «Aos sacerdotes deste século, fàcilmente sensíveis à eficácia da acção e tentados mesmo por um perigoso activismo, quão salutar não é este modelo de oração assídua numa vida inteiramente consagrada às necessidades das almas... Não esqueceremos todavia que a oração eucarística no sentido pleno do termo é o Santo Sacrifício da Missa... este não deixará de estar, em toda a sua vida, no princípio da sua acção apostólica e da sua santificação pessoal... Foi talvez por terem negligenciado algumas destas obrigações que alguns membros do clero se foram pouco a pouco sentindo vítimas da instabilidade exterior, do empobrecimento interior e expostos um dia, sem defesa, às tentações da vida...» (19).

Transparecia de tal modo no Santo o seu estado contínuo de oração que um dos seus paroquianos dizia «creio que M. Vianney está sempre unido a Deus». Para nos convencermos da sua piedade Eucarística «bastava vê-lo celebrar a Missa, fazer a genuflexão ao passar diante do Sacrário». Ele repetia:

«Não compreenderemos o que seja celebrar a Missa senão no céu... Para celebrar Missa seria necessário ser serafim... como é belo, depois da consagração, o Bom Deus está ali como está no céu!... Se o homem conhecesse bem este mistério, morreria de amor... A Sagrada Comunhão e o Santo Sacrifício da Missa são os dois actos mais eficazes para obter a conversão dos corações... A causa do relaxamento do Sacerdote é não prestar atenção à Missa...»

★

A SANTÍSSIMA VIRGEM. «Ele mesmo tinha pela Imaculada Conceição da Santíssima Virgem uma devoção muito viva, ele que em 1836 havia consagrado a sua paróquia a «Maria concebida sem pecado» e havia de acolher com tanta fé e tanta alegria a definição dogmática de 1854» (20).

Subi a escadaria e vi coroando a fachada da Igreja, uma estátua da Virgem. Tinha-a o Santo Cura d'Ars comprado no ano 1844; era mais uma maneira de mostrar à Senhora e sua devoção. Já lhe tinha consagrado a sua paróquia; colocando ali aquela imagem queria que a Virgem olhasse por ela atraindo de Deus as graças de que seria Medianeira.

Conta Cathèrine Lassagne que o demónio confessou pela boca duma possessa que a Santíssima Virgem o protegia muito (21).

Desta boa Mãe falava ele assim:

«O coração de Maria é tão terno para nós que todos os corações das mães reunidas não são mais que um pedaço de gelo ao pé do seu...»

O coração desta boa Mãe não é senão amor e misericórdia...

«Todos os santos tiveram uma grande devoção à Santíssima Virgem: nenhuma graça vem do céu sem passar pelas suas mãos... Eu amei-a mesmo antes de a conhecer; é a minha mais velha afeição... Consagrai-vos a Maria, rezai muito a esta boa Mãe, honrai-a sobretudo na sua Imaculada Conceição...»

---

(19) Encíclica citada, Lumen págs. 773 e 774.

(20) Encíclica citada, Lumen pág. 782.

(21) Vários contemporâneos atestam que ele foi favorecido por aparições da celeste Senhora.

★

Tinha acabado o tempo da minha visita, era necessário partir. Parti mas ficou-me lá alguma coisa porque também alguma coisa encontrei. Ficou-me uma afeição e um desejo; encontrei um Santo e a sua obra. Cada uma das coisas que via era um rolar de acontecimentos que a memória me reproduzia. Era um cenário vivo duma vida tão humana e tão divinizada. Ao escrever este esboço procurei apenas recordar o que cada coisa me fez sentir e pensar.

Ars ficou para sempre na minha memória como o ponto de peregrinação sacerdotal por excelência. Ars de hoje vive ainda a glória de Ars de outrora.

S. João Maria Baptista Vianney entregava a alma a Deus a 4 de Agosto de 1859 murmurando estas palavras:

— «Como é triste comungar pela última vez».

Um ano antes, de 11 de Fevereiro a 16 de Julho de 1858 a Virgem aparecia 18 vezes a Bernardette proclamando a Sua Imaculada Conceição. Deixando Ars ia agora a caminho dos Pirinéus para me ajoelhar aos pés da Virvem de Lourdes e que o Cura d'Ars tanto amara.

Foi assim que eu vi Ars...

MANUEL ÁLVARO QUINTAS

25 ANOS

DA

ACÇÃO CATÓLICA

- NOTAS
- DEPOIMENTOS

NÚMERO ESPECIAL DA NOVELLÆ OLIVARUM COM A COLABORAÇÃO DE VÁRIOS EX.mos PRELADOS, DIRIGENTES E ASSISTENTES DA ACÇÃO CATÓLICA, ETC.

UM NÚMERO QUE TEM DESPERTADO IMENSO INTERESSE PELA SUA AUTORIDADE, ACTUALIDADE E VALOR DE TESTEMUNHO.

ESPECIALMENTE RECOMENDADO AO CLERO E ORGANISMOS DA A. C.

Preço por exemplar **5$50**

ESTAMPAS E «SANTINHOS»

1) — A *Imagem, mensagem da realidade.*

É admirável a sedução da imagem. A nossa época é mesmo conhecida pela «civilização da imagem». É ver o entusiasmo pelo cinema! Quanta vibração, quantas reacções de alegria, de espanto, de indignação, de afecto, produz numa assembleia constituída por gente de vários níveis e classes, a sucessão de imagens projectadas na tela branca de uma sala de espectáculos. A televisão é hoje mais um poderoso meio para polarizar os indivíduos e as massas, pela imagem. Mas isto não é característica exclusiva do nosso tempo. O homem sempre se deixou impressionar pela imagem. Sempre no silêncio das catacumbas ou do claustro, artistas comunicaram com os seus irmãos presentes ou vindouros, através da imagem. Não é só de agora, que no recanto mais íntimo da família, como que fazendo parte dela, intervindo nas soluções das horas difíceis, participando nas alegrias das horas felizes, assistem imagens amigas e familiares, de santos ou de antepassados. Nem é só de agora, que juntamente com os seus segredos mais íntimos, o noivo ou a noiva, guarda a fotografia daquele que ama. E porquê toda esta comunicação com a imagem? — É que ela é uma presença!

O homem conhece através de imagens, «species» mensagens que a realidade comunica à inteligência, a qual, como faculdade superior, elabora o acto de conhecimento e pronuncia um Juizo de valor. E só depois a vontade se exerce, só depois o homem ama. E esses actos de conhecimento e de amor, podem subsistir independentemente da «species» que os provocou, mas será facilitada a sua repetição e intensificação, sempre que à inteligência seja recordada essa imagem (1).

No processo do conhecimento intelectual, a imagem ou «species» é mensagem de uma realidade. À semelhança delas, também as imagens que, pela sua arte ou pelo seu engenho, o homem faz para si, são mensagem de uma realidade, da realidade que elas evocam ou representam. E é essa realidade que faz com que o homem vibre em sentimentos de alegria, de contentamento, de admiração, de afectividade.

(1) É preciso distinguir o sentido da palavra imagem: no sentido de «species», é o efeito que a realidade produz na inteligência através do intelecto agente e faz parte do processo do conhecimento intelectual do homem; e no sentido de reprodução de uma realidade, v. g. uma fotografia é uma imagem. Neste sentido, a imagem faz conhecer uma realidade não conhecida ou faz recordar uma realidade conhecida anteriormente. Em ordem ao conhecimento intelectual, ela ocupa em relação à inteligência, o mesmo lugar que a própria realidade. É neste último sentido que pasamos a falar de imagem.

Podemos pois definir a imagem como sendo a actualização e comunicação da mensagem de uma realidade. Actualização, quando ela evoca uma realidade passada. É a realidade que impressiona o homem, e quando essa realidade deixar de existir, nos esquecer ou não estiver ao nosso alcance, é então a imagem que é portadora e ressuscitadora dessa realidade. Ela actualiza-a junto do homem e actualiza no homem o conhecimento e o amor dessa realidade. O que a imagem comunica, é algo que pertence à existência da própria realidade. «A imagem é um pedaço da realidade deslocada e essa deslocação confere à realidade um acréscimo de existência» (2). É a realidade deslocada, pois é comunicação sua independentemente da sua presença física; é acréscimo de existência, em primeiro objectivamente enquanto pela arte, a realidade é transfigurada, e nessa transfiguração uma nova perfeição lhe é comunicada. E depois subjectivamente, enquanto, se a realidade já não existe, ela volta a produzir os efeitos da existência, pois volta a ser objecto dos actos da inteligência e da vontade — o juizo de aprovação ou desaprovação, o amor ou o desprezo; se ao contrário ela existe mas não está presente, esse acréscimo verifica-se, pois a realidade passa a ser conhecida por quem o não seria se não fosse a sua imagem. A realidade impressiona as faculdades humanas qundo está presente. Verifica-se o mesmo com a imagem que se caracteriza por ser essencialmente uma presença, — presença da realidade cuja mensagem ela comunica. E as imagens assim presentes, impregnam toda a nossa vida.

2) — *As imagens do cristão.*

O homem tende a tornar presentes através de imagens, aquelas realidades que lhe são mais caras, que mais influência exercem sobre ele: a fotografia dos pais, do namorado, do filho ausente pela morte ou pela distância. Mas sendo o homem um ser essencialmente religioso, todos estes sentimentos e todos os seus grandes momentos, são impregnados do sentido de fé e de confiança em Deus e nos seus Santos. Eles são os grandes companheiros do homem crente. É a eles que ele recorre e é a eles que ele agradece, a eles, os Santos Oragos da freguesia ou aqueles da sua devoção, entronizados nas paredes velhas das suas moradias, em molduras carcomidas pelo tempo. Na vida do crente, Deus está presente a cada momento através dos seus Santos. E essa presença é lembrada e facilitada ao homem através das imagens, pois elas facilitam-lhe o entrar em relação com o sobrenatural. As imagens do cristão são assim a actualização e a comunicação da mensagem das realidades sobrenaturais. Elas são junto do homem uma presença de Deus e dos seus Santos. E na medida em que elas conseguem tornar presente ao homem essa mensagem sobrenatural, elas são arte religiosa. Enquanto mensagens do sobrenatural, elas comunicam um dado da fé; enquanto arte, elas comunicam um dado da sensibilidade estética e artística. Mas o dado da fé é comunicado através do elemento artístico e quando numa imagem, ao dado poético se junta o dado da fé, temos verdadeira arte religiosa. E assim através da arte, a imagem comunica ao cristão

(2) L'ART SACRÉ, Março-Abril de 1959, pág. 2.

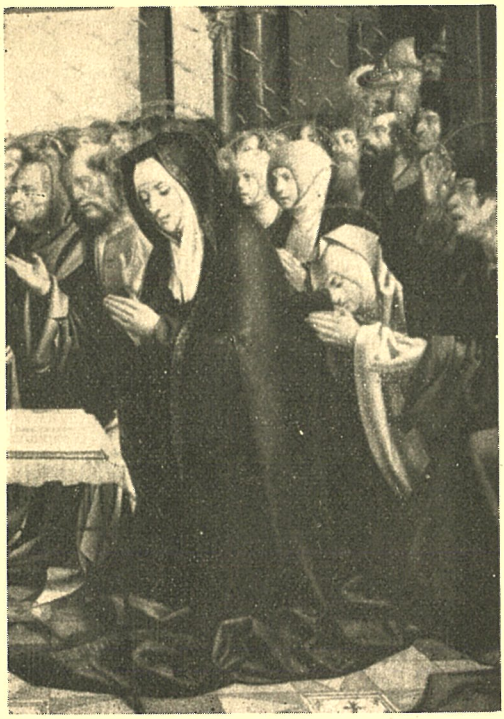


A grandeza sublime, a serenidade profunda, a alegria cristã, é-nos comunicada pela transfiguração da verdadeira arte.

N.º 1

um valor sobrenatural e transcendente, que o homem adora ou venera. A imagem torn-se então objecto de culto. O homem presta culto à realidade sobrenatural que a imagem lhe torna presente.

Foi como presenças do sobrenatural, que elas acompanharam os conquistadores de terras infiéis e os descobridores de mundos desconhecidos, e assim nas batalhas ou nas caravelas, elas foram portadoras de Fé. Elas acompanharam o peregrino, no regresso das suas viagens de fé e devoção, e entraram nas suas casas impregnadas de graça, e aí continuaram através das gerações a espalhar as suas bênçãos. E essas imagens, que são a actualização do brilho das virtudes e das graças de Deus nos seus Santos, continuam a presidir a toda a vida do



N.º 2

O recolhimento e a piedade vivida em Igreja, são valores cristãos que a arte nos comunica.

cristão, que as coloca nas fileiras dos seus antepassados, sentindo-as da sua família. Elas não envelhecem nem se tornam episódicas, mas antes fazem com que os seus cohabitantes vivam em verdadeira comunhão dos santos.

Através da arte, a imagem religiosa comunica ao homem um valor sobrenatural, e nisso reside o seu valor. Mas quando essas imagens não são arte?

— É um facto que muitas das imagens que acompanham a vida do cristão, não são obras de arte. Material feito em série por artífices da especialidade, são muitas vezes um ultrage à realidade religiosa que pretendem representar. No entanto elas provocam nos seus devotos todo um caudal de atitudes religiosas, de amor, de piedade, de arrependimento. Daí surge uma objecção: uma vez que a mensagem religiosa através da imagem, só é comunicada pela junção do dado poético com o dado da fé, estas imagens onde não existe esse sentido estético da obra de arte, não têm nenhuma mensagem a comunicar. Mas por outro lado verifica-se que se elas são ocasião de autênticas atitudes religiosas, é porque têm algo a dizer a quem as venera. E então, ou são arte, ou não precisam da arte para comunicar a sua mensagem religiosa. E o opositor continua: «não estaremos nós a confundir sensibilidade artística com valor espiritual?».

A objecção posta toca na ferida mais grave da divulgação da imagem nos nossos dias. Da resposta dada, dependerá a aprovação ou condenação de todo um estilo, se assim se pode chamar ao que, mais do que arte, é antes uma

indústria: imagens de santeiros, enúmeras edições de estampas, a que os franceses jucosamente chamam «art de S. Sulpice» ou «bondieuserie».

Comecemos por reconhecer que também essas imagens têm algo a comunicar: elas têm por assunto um facto da fé, (v. g. a solicitude de Jesus pelos pecadores, através da simbologia do Bom Pastor, fig. 3). E esse facto da fé, concreto e objectivo, apresentado ao crente como uma crónica, é já algo e é suficiente para fazer despertar no cristão atitudes subjectivas perante este facto.



N.º 3

Interpretação medíocre, de um valor cristão mediocremente vivido.

Mas não é o dado da fé, assim seco, que a boa imagem religiosa nos pretende apresentar. Ela apresenta-nos sim a interpretação e a vivência cristã desse mesmo facto. A imagem religiosa nasce na comunidade cristã, onde essas verdades são vividas e meditadas constituindo com elas um verdadeiro espírito cristão. A imagem aparece-nos assim como um verdadeiro testemunho, e é essa interpretação através da arte que leva à adesão ao dado da Fé; e é essa a sua mensagem.

Mas também as ditas imagens nos comunicam uma interpretação desse dado da Fé que têm por assunto. Servem-se para isso de uma técnica artística, pela qual comunicam uma mensagem objectiva. A diferença entre as interpretações, está na mensagem que comunicam. Aquelas (fig. 1 e 2) uma men-

sagem de cristianismo vivido em Corpo Místico; estas, a mensagem de um cristianismo falhado. Uma interpretação medíocre de um valor cristão mediocremente vivido. Cada civilização tem a arte que merece e pode-se medir o seu valor e a sua elevação espiritual pela sua arte. Assim cada comunidade cristã terá a arte que merecer a intensidade como vive o seu cristianismo, e pode-se medir a intensidade de vivência cristã de uma época, pela sua arte religiosa. É que à corrupção da sensibilidade, correspondem sempre fracassos espirituais, podendo-se com verdade dizer que «o problema real da arte religiosa, é o problema de fundo do cristianismo actual» (3).

Mas há quem reze sobre essas imagens e talvez mesmo quem se santifique nessa mentalidade artística!...

— Mas nós na nossa época, que estamos a descobrir o verdadeiro sentido e a verdadeira amplitude do mistério cristão, é que não podemos, nem rezar, nem santificarmo-nos sobre elas; «o cristão deve rezar sobre a beleza».

Mas apesar de terem a sua mensagem a comunicar, não são arte. E não o são porque lhe falta uma das qualidades essenciais da arte, que é a beleza, com os três elementos que a constituem: a integridade, a proporção e o brilho; integridade no ser, proporção, na ordem e na unidade, e o brilho que deve ser patente à inteligência, produzido sobretudo pelo esplendor de uma forma aplicada às partes proporcionadas da matéria, isto é, «uma fulguração da inteligência sobre uma matéria inteligentemente disposta» (4). A beleza aparece-nos assim como uma realidade do domínio da inteligência e que por ela é apreendida primeiramente. E a inteligência prende-se àquilo que é luminoso em si, que é inteligível em si mesmo, e não ao que é inteligível para nós (5). É precisamente esse o defeito principal das imagens de que tratamos: reduzir a inteligibilidade ou brilho em si, à inteligibilidade para nós; sobrepôr à beleza objectica, através da qual deve ser transmitida a verdadeira mensagem, os aspectos subjectivos da realidade. «Em arte, este contracenso produz o academismo e condena-nos a uma beleza tão pobre, que só pode irradiar na alma a mais mesquinha das alegrias» (6).

Estas imagens são pois fruto de uma sensibilidade pervertida por séculos de academismo e de sentimentalismo. Em resumo elas são fruto de uma pobreza de conteúdo artístico e religioso, enquanto, devido a um cristianismo mediocremente vivido, elas dão uma interpretação pobre dos dados da fé, cultivando valores enlouquecidos onde deviam existir os verdadeiros.

3) — A *Divulgação da imagem.*

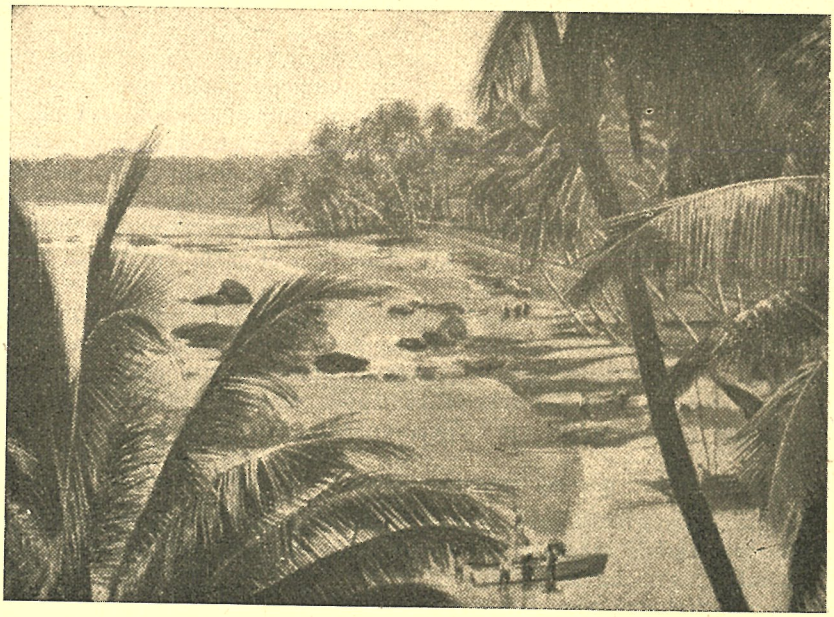
Vimos como a imagem é para o homem uma presença da realidade, produzindo nele efeitos idênticos aos da própria realidade. Vimos como desde os mais remotos tempos da Igreja os cristãos tornaram presentes a si, através de imagens, os aspectos transcendentes da realidade sobrenatural. Uma comunidade, vivendo intensamente a sua vida cristã, gerou artistas que exprimiram pela sua

(3) L'ART SACRÉ, num. cit.
(4) MARITAIN, em Art et Scolastique, pág. 37 e ss.
(5) «É isso que por vezes permanece obscuro aos nossos olhos, quer em razão da matéria em que esta forma está impressa, quer devido à transcendência da própria forma nas coisas do espírito...» MARITAIN op. cit. pág. 43.
(6) MARITAIN op. cit. pág. 43.

arte a interpretação, que pela vivência do cristianismo, toda a comunidade fazia das verdades da Fé. Essa mensagem sobrenatural de que a imagem é portadora, é para todos e interessa a todos. É preciso pois que a imagem, que vai facilitar ao homem entrar em contacto com Deus, directamente ou através dos seus Santos, esteja ao alcance de todos os que dela quiserem aproveitar. Há é certo as imagens veneradas nos templos, que são de todos e para todos. Mas é preciso que a imagem acompanhe mais de perto a vida do homem, entre em sua casa, no seu quarto, na sua agenda, no seu missal (7). É preciso que elas sejam, com a sua mensagem de paz, uma companhia segura em todos os momentos da vida. E surge então a necessidade da reprodução, da divulgação, tornando a arte, que é para todos, acessível a todos. E é assim que nasce a estampa: para tornar mais presente ao homem, a presença, que de si, a imagem já é.

4) — *A estampa fotografia.*

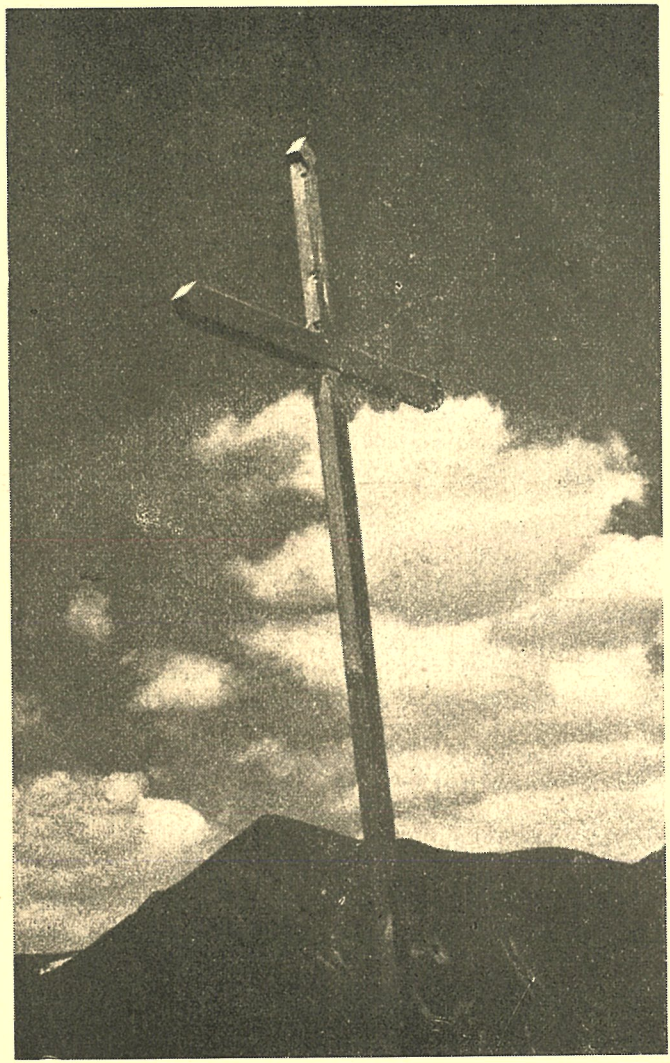
Uma fotografia é uma reprodução, pela imagem, de um aspecto da natureza como ela é em si mesma, sem a interpretar nem transformar. Na natureza, existe o belo natural, uma beleza impressa pelo próprio Deus nas coisas, independentemente e anteriormente a qualquer criação humana no campo da arte.



N.º 4

A natureza tem reflexos de Deus. Saibamos descobri-los

(7) Indício certo disto é o costume existente em algumas paróquias de reproduzir em estampas, a imagem do patrono da Igreja matriz. Convém que o Santo protector, que pertence verdadeiramente à família paroquial, seja o companheiro fiel de cada paroquiano.



N.º 5

Pela Cruz o Senhor convida-te a subir sempre mais alto, só assim satisfarás a tua sede de infinito

Esta beleza natural está imprensa nas próprias coisas, como Deus as fez, inseridas num determinado conjunto, dispostas de determinada maneira.

Uma fotografia pode ser bela, se conseguirmos, ao fotografar a natureza, fotografá-la com a sua beleza natural. Não são muito frequentes os fotógrafos que conseguem captar esse dado poético da natureza. «O que vulgarmente se costumam chamar belas fotografias, não são mais que receitas fáceis que revelam o seu vazio e o seu enjôo», e nos dão da natureza uma visão muito super-

ficial (8). Claro que uma fotografia assim falhada, nunca terá grande mensagem a comunicar. Juntam-se-lhe então uns textos que procuram exprimir aquilo que a fotografia não pode dizer. Mas se a fotografia nada exprime, esses textos, ainda que sejam da Sagrada Escritura, não passarão de tristes apêndices agregados a uma parte morta da natureza.

Mas o fotógrafo consegue por vezes, através da sua objectiva, captar maravilhosamente esse dado poético da natureza; «podemos então fotografar o silêncio das coisas, a alegria de uma paisagem ou a humildade de uma parede, mas raros são os olhos que têm o poder de penetrar neste domínio invisível» (8). Como já ficou dito, para que haja uma verdadeira imagem religiosa, é preciso que nela se conjuguem o dado poético com o dado da fé. Na fotografia bela, o dado poético, não é criação artística do homem, mas é a própria poesia da natureza. Donde nos virá o dado da fé? Pode-nos vir da contemplação desse belo natural, e através dele nós chegarmos à contemplação das belezas sobrenaturais (fig. 4 e 5). A fotografia não precisa então de dístico nenhum. O próprio homem encontra nela, pela contemplação do belo natural, uma mensagem sobrenatural. «Logo que a esta visão interior se junta o olhar da fé, a imagem fotografada não precisa de mais comentários ou explicações: ela brilha pela sua própria presença; leva-nos a uma como que acomodação da alma que nos situa num plano onde espontâneamente os esplendores da nossa fé podem ganhar corpo e tornarem-se imagens da graça» (9).

No entanto, excluir absolutamente o interesse do dístico, é perigoso e exagerado. Pode haver boas fotografias, em que não seja fácil essa elevação ao plano sobrenatural e perante as quais, embora belas, o homem não sente nenhuma elevação superior. Nesse caso, uma frase, um pensamento, da Sagrada Escritura ou não, viria facilitar ao homem essa elevação espiritual e dar-lhe ocasião, de perante aquela imagem, ter uma atitude religiosa. Sendo assim, o dado da fé seria fornecido pela frase, que conjugando-se no nosso espírito com o dado poético, fará com que uma fotografia seja para nós uma estampa religiosa. De qualquer modo, o facto de alguém encontrar um dístico que produza esse efeito, é uma defesa da primeira afirmação, de que a fotografia bela pode por si só comunicar a alguém um valor espiritual. Essa frase escolhida é precisamente testemunho da mensagem que a uma determinada pessoa comunicou essa fotografia. Esse dístico vai facilitar a outros, com menos sensibilidade ou menos sentido religioso o aperceberem-se da mesma mensagem. Tem o inconveniente, se é que o é, de determinar o valor espiritual a encontrar numa determinada fotografia, pois é possível que uma mesma fotografia bela, inspire a indivíduos diversos, valores também diversos (10).

---

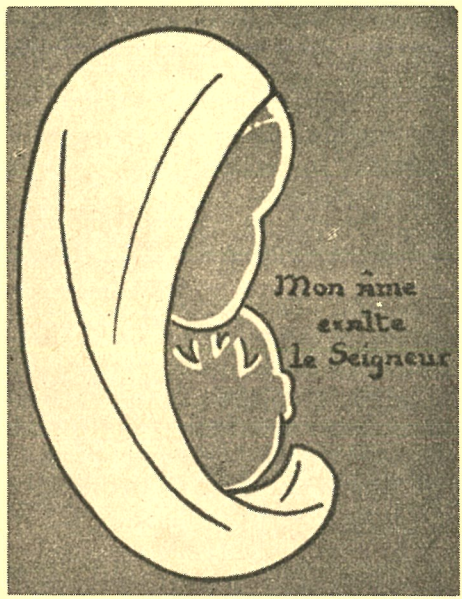
(8) L'ART SACRÉ, num. cit. pág. 11.

(9) L'ART SACRÉ, num. cit. pág. 11. O autor do artigo exclue todos os dísticos das estampas fotografias. Se a fotografia não é boa, o dístico nada adianta. Se a fotografia é bela, não precisa de nenhum dístico, pois ela própria é susceptível de comunicar ao homem uma mensagem religiosa.

(10) A propósito destas frases dísticos nas estampas fotografias, podemos considerar a oportunidade desse mesmo dístico em estampas de géneros diferentes. Assim nas etampas, reproduções de pintura, nunca se deve pôr dístico, pois a obra de arte é por si mesma expressiva, não precisando de outros meios para comunicar a sua mensagem. Fazem excepção aquelas pinturas a que o próprio autor pôs um dístico, pois nesse caso é original, faz parte do próprio quadro e tem um papel a desempenhar na comu-

5) — *O esquematismo*

Refiro-me a um determinado tipo de estampas, do género da fig. 6, terrivelmente vulgarizadas e que conquistaram as simpatias do público. É difícil dizer qual a génese deste género de imagens. Apareceram, multiplicaram-se os autores e multiplicaram-se as reproduções; o público gosta, acha engraçado, acha «giro», mesmo original e compra, porque material do género não fica caro. Disse que o povo acha engraçado e original; elas não têm de facto mais do que isso. Não fazem uma interpretação do mistério que tentam representar e não fazem mais do que apresentá-lo de uma forma tão desusada como infeliz. Podemos dizer que é no fundo o último esforço por reduzir a imagem a uma figura decorativa.



N.º 6

«De tous ces christs en fil de fer, des ces Vierges en point-virgule, de ces formes bléssantes et dégoulinantes, délivrez-nous Seigneur»!

Há quem as tente justificar, comparando-as ao «esquematismo» existente em pintores como Matisse, e mesmo na arte japonesa, em que há uma grande síntese de valores, um esforço de comunicar o máximo de sentimentos no mínimo de forma. Tentam pois ver em Matisse o iniciador deste género de produções, e na sua capela de Vence a primeira obra da escola. Mas é preciso não confundir os dois movimentos que só um espírito muito superficial poderá

---

nicação da mensagem, como acontece por ex. com muitos quadros de J. Rouault. É preciso ter em conta ainda o caso da arte complexa, em que o dístico é de per si também uma obra de arte, poesia por ex. Então o dístico e o quadro têm ambos valor expressivo, e que devidamente coordenados, exprimem ambos uma mensagem.

Além das estampas que reproduzem obras de arte, temos aquelas que foram inicialmente concebidas como estampas, e se da sua concepção faz parte um dístico, ele deve manter-se.

igualar. Em Matisse trata-se de uma plenitude de vida e de forma de expressão. Nele o «esquematismo é a etape de uma plenitude». Ele passou toda a sua vida em contacto com a natureza «devorando com os olhos o mundo que o rodeava», assimilando e interiorizando toda a vida dos ritmos e das cores, fazendo no seu espírito uma síntese de todos eles. E nele «a vida das formas torna-se pintura sem perder a sua plenitude, sem deixar de ser vida». Esta vitalidade permite-lhe realizar numa linha, um pormenor, uma concentração energética de alta tensão». «Tendo adquirido, durante muito tempo com uma plenitude de vida o poder prestigioso de concentrar toda essa potência no mínimo de forma sensível, Matisse pôde usar desse poder no momento de fazer obra sagrada. Para muitos dos nossos contemporâneos, o despojamento é uma esterelização preventiva, para os grandes é uma fecundidade nova» (11). E na arte japonesa, nota-se a mesma característica: o que nos parece esquemático, é de facto uma plenitude, resultado de um grande esforço espiritual, onde o espírito comanda tudo. Vemos pois que se trata de realidades opostas: uma, um máximo de vitalidade que leva à simplificação; outra, uma simplificação que é a negação da própria vida.

É preciso não o identificar com moderno, pois para os cultores dessa «arte», «o moderno é a parte mais superficial do contemporâneo, o que segue a moda, o que excita superficialmente a sensibilidade». Alguém lhe chamou mesmo uma espécie de masoquismo imaginativo, uma tuberculose espiritual que não permite a inspiração, sinal mais que evidente de um certo estiolamento do espírito (11).

Há algumas que são de facto engraçadas, mas é preciso hierarquizar valores e não as pôr ao lado da verdadeira arte. A sua mensagem é essa: uma originalidade e não passa muito daí. E há então outras que pelo seu exotismo e mau gosto, chegam mesmo a ser um ultrage à Santidade do Senhor, à dignidade de Maria, à virtude dos Santos. E para esses casos, é de dizer com a revista «L'ART SACRÉ, já muitas vezes citada: «De tous ces christs en fil de fer, de ces vierges en point-virgule, de ces formes bléssantes et dégoulinantes, délivrez-nous Seigneur»!

6) — *O Simbolismo.*

Não vem para aqui fazer uma teoria do símbolo em geral. Ele é a expressão convencional da realidade, v. g. a bandeira é símbolo da Pátria, a palavra é símbolo do pensamento. Ele é uma expressão que prescinde da sensibilidade, falando apenas à inteligência, pois ele é verdadeiramente uma linguagem, e como tal, é essencialmente didáctico. Mas qualquer linguagem para se compreender tem de se aprender, ou seja, tem de se mostrar à inteligência qual o nexo convencional existente entre o símbolo e a realidade; a linguagem do símbolo, para ser compreendida, precisa pois de uma iniciação.

Como toda a linguagem, o símbolo nasceu com o homem. Desde os mais remotos tempos, o homem se serve da linguagem dos símbolos. No Eden, a

(11) L'ART SACRÉ. Num. cit. pág. 12, 14 e 15.

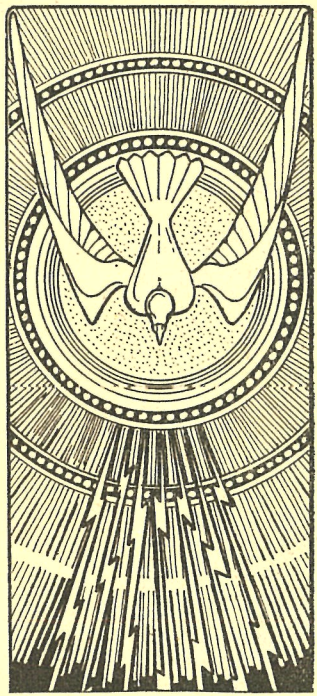
serpente é símbolo da perfídia e da maldade. O Evangelho usa do princípio ao fim a linguagem dos símbolos: «Eis o Cordeiro de Deus». «Eu sou o Bom Pastor». Não admira pois que o símbolo exista em abundância logo na primitiva Igreja e que ele se torne assim uma realidade cristã. Nas catacumbas, por pura convenção, o pastor e o peixe, lembram Cristo Redentor. E nesta linha, com o decorrer dos tempos, verificou-se um verdadeiro desenvolvimento da linguagem dos símbolos, através da vida da Igreja.



N.º 7

A arte, interpretando pela transfiguração, a simbologia cristã, dá-nos o seu autêntico valor espiritual.

O símbolo é pois uma linguagem que significa por si, distinta da linguagem artística. Uma estampa simbólica tem algo a comunicar, mas fá-lo por uma linguagem diferente da estampa artística. Mas através dos tempos, ao passo que se ia propagando o uso do símbolo, ele foi adquirindo uma técnica de expressão, técnica essa que usa os mesmos meios da arte. E na medida em que o símbolo usa uma expressão artística, junto ao significado puramente convencional, ele passa a ter também um significado artístico. Por exemplo, na fig. n.º 7, o peixe, que por convenção significa Cristo, está transfigurado pela arte, e essa transfiguração é uma nova mensagem. E nesta linha podemos dizer



N.º 8

A realidade simbólica, sem transfiguração, faz o mesmo efeito que um substantivo concreto, escrito num papel em branco.

que, sempre que o símbolo usa a mesma técnica de expressão que a arte e não for arte, cai na mediocridade; e é esta a grande falha das estampas do género da fig. n.º 8. Tem o seu significado convencional e nada mais, fazendo o mesmo efeito que um substantivo concreto escrito numa folha de papel em branco. Em qualquer dos casos, mas sobretudo neste último, no uso do símbolo deve atender-se a três condições fundamentais: ciência, prudência e sobriedade. Ciência porque o símbolo é uma linguagem de natureza intelectual que exige iniciação e conhecimento. A prudência e a sobriedade, consistem em o símbolo significar sem cansar, pelo número ou pela qualidade.

Oxalá que a divulgação das verdadeiras imagens religiosas, aquelas que são expressão concreta do cristianismo autêntico que nós tentamos hoje descobrir e viver, continue, para que o cristão empenhado na transformação do nosso mundo, sinta a seu lado a graça de Deus e o auxílio amigo dos Santos, membros do mesmo Corpo Místico, a que todos nós pertencemos.

J. POLICARPO

PANORAMA

CULTURA CINEMATOGRÁFICA DO CLERO

Há certas evidências a que dificilmente nos rendemos. Essa espécie de encantamento desviado, é fenómeno muito corrente e de explicação complexa. A maior parte das vezes a atitude fundamental que o faz desenvolver, é o preconceito. Este nasce dum certo orgulho larvado que gera o embotamento do espírito e lhe tira a frescura original. As ideias feitas e as cabeças cheias delas são o melhor foco gerador desse micróbio terrível que envelhece o homem e a humanidade.

A atitude dos eclesiásticos perante o cinema é motivada, a meu ver, por um preconceito, largamente alimentado por uma falsa visão do sentido da obediência ao magistério da Igreja.

No 1.º quartel do século, quando o cinema dava os seus primeiros passos, um sector bastante grande da intelectualidade francesa opôs-se-lhe violentamente, apodando-o de «divertimento de ignorantes». Tal reacção, ditada por um certo conservantismo académico e por um idealismo cartesiano, diluído em posições aceites, encontrou eco profundo nos meios eclesiásticos, quer pela nobreza da sua origem, quer pelo ambiente escolástico, demasiado intelectualista, das casas de formação. Entretanto o cinema evoluiu ràpidamente: em 50 anos fez-se arte; surgiram escolas e obras primas. O povo entregou-se-lhe àvidamente, por razões várias que não interessa analisar nem enumerar. O clero, esse, continuou preso às velhas críticas. Pela voz dos seus mais altos representantes, geralmente pouco escutada, a Igreja foi chamando a atenção para a necessidade duma cotação moral que impedisse os estragos já numerosos e profundos, a que a nova arte tinha dado origem.

Duma passividade total passou-se então a uma actividade negativa: tornar menos perigoso ou até inofensivo um divertimento pouco nobre. Alguns dos eclesiásticos, atraídos naturalmente pelo cinema, começaram a frequentar as casas de espectáculos. A hierarquia superior interveio, proibindo, talvez por razões de escândalo ou decoro, a assistência ao cinema nos referidos locais. E foi assim que se fecharam definitivamente, para a maioria, as possibilidades dum encontro proveitoso padre-cinema. Escusado será dizer que é possível agir de modo diferente do que até aos nossos tempos foi adoptado. Prova-o um documento recente, além de muitos outros vindos a lume há alguns anos a esta parte, assinado pelo Bispo Auxiliar de Havana.

É curioso notar, por um lado, como o preconceito do abastardamento cultural do cinema está posto de lado; por outro, como uma visão realista do

mundo a evangelizar postula que o admitamos e com ele contemos na actuação pastoral. O desfazer do preconceito abriu os olhos a muita gente, permitindo um reconhecimento do mundo tal como hoje se nos apresenta: quer queiramos, quer não, o nosso mundo é um mundo com cinema. Assentes estes dados, longe ainda de serem aceites por todos, urge procurar um novo modo de actuação. Claro que a proibição da Igreja mantem-se no que se relaciona com a frequentação das casas de espectáculos. Seria, no entanto, errado supor que com esta proibição pretende a Igreja um corte absoluto com o cinema. A prova em contrário dá-a o documento já citado ao apontar como um dos modos possíveis de solução, a organização em cine-clubes ou cine-forums. Monsenhor Evelio Diaz desce a pormenores notáveis: fala expressamente da educação técnica e estética para o cinema e vai até ao ponto de exortar vivamente os padres e religiosos à assiduidade a tais reuniões, mesmo se isso representa da parte deles algum sacrifício. Traduzimos a parte mais importante, que damos a ler ao leitor:

«A Igreja tem o maior interesse na orientação da 7.ª arte em vista do aperfeiçoamento da pessoa humana e por conseguinte deseja que todos os católicos contribuam para que o cinema realize a sua missão de tornar o homem melhor.

Para tal nada se impõe tanto como o conhecimento profundo da linguagem cinematográfica, dos meios de expressão próprios do filme, dos meios técnicos que a arte das imagens utiliza; deste modo torna-se possível um juízo exacto do conteúdo dos filmes e do seu valor artístico. Para eficazmente o conseguir pode utilizar-se como meio apto o agrupamento de cultura cinematográfica... Entre estes (cine-clubes), temos a alegria de contar o Cine-Clube Pio XII, exclusivamente destinado aos sacerdotes, religiosos e religiosas e cujas sessões vão de novo começar.

Reconhecido o magnífico contributo prestado por este Cine-Club ao apostolado cinematográfico, encorajamo-vos a assistir a todas as sessões mesmo que por vezes possa representar para vós algum sacrifício. Sereis duplamente compensados pela visão de filmes excelentes e pelo enriquecimento cultural que a discussão vos proporcionará. Aprendereis a julgar os filmes sob todos os aspectos com critérios justos e podereis igualmente apreciá-los sob o ponto de vista moral e educativo. Esta formação cinematográfica dos sacerdotes e religiosos votados ao ensino ou à direcção das almas, é absolutamente indispensável para depois poderem, nas salas paroquiais e de aula, formar o juizo moral e estético dos jovens e fiéis».

ARTUR LEMOS

«OS CRISTÓVÃOS»

(The Christophers)

Os Cristóvãos estão actualmente em plena actividade nos Estados Unidos da América do Norte e têm como director o P.e James Keller. Por nos parecer com interesse, dedicaremos algumas linhas a este movimento limitando-nos quase só a traduzir excertos de uma das suas folhas volantes — *Chrispother*

Notes — de apresentação do movimento intitulada precisamente *Porquê os Cristóvãos.*

A ideia básica é empenhar o maior número de pessoas possivel em tornar melhor este mundo em que vivemos.

O OBJECTIVO DOS CRISTÓVÃOS é lembrar-te que és *um homem com uma missão.*

1. Deus conta contigo para renovar a face da terra.
2. Deus dá muitas das suas bênçãos aos outros por teu intermédio. Não os prives do que lhes pertence.
3. Traz o amor, a verdade e a justiça de Cristo *para fora da igreja* e do teu lar e leva-os para o grande teatro do mundo. A necessidade é desesperada. Que possas dizer como S. Paulo: *o amor de Cristo nos impele* (II Cor. V, 14).
4. Deves ter especial interesse pelas actividades de maior influência como o governo, educação, literatura, divertimentos, etc.
5. Lembra-te de que a treva é ausência de luz, o mal ausência de bem, o ódio ausência de amor. Esforça-te por suprir o que falta e todos ganharão.
6. Podes influenciar os outros na caminhada para o bem, mas a única pessoa que podes obrigar és tu mesmo.

O NOME.

Cristóvão deriva da palavra grega «*Cristoforos*» que significa *portador de Cristo.* Cada um deve lembrar-se que, quer seja dona de casa, motorista de autocarro, estudante, polícia, enfermeira ou advogado pode levar o amor e a verdade de Cristo para a vida pública, pode ser um *Cristóvão,* ou seja, *portador de Cristo.*

COMO É ESPALHADA A IDEIA

Mais de seis milhões de pessoas estão a ser influenciadas neste sentido aos seguintes modos:

— Mensalmente são enviadas gratuitamente as *Notas dos Cristóvãos* (*Christopher Notes,* pequena publicação de quatro páginas tratando um tema que interesse ao movimento) a mais de um milhão de pessoas.

— 13 *livros cristóvãos* circulam actualmente na América e noutros Continentes.

— 103 jornais diários publicam uma coluna do movimento.

— 306 estações de televisão apresentam semanalmente um *programa cristóvão* de meia hora.

— 811 estações de rádio apresentam um programa semanal de 15 minutos.

Os Cristóvãos não têm qualquer organização externa, reuniões ou emblemas. O que pretendem é despertar no mais íntimo de cada homem um sentido agudo da sua responsabilidade apostólica. Têm como princípio de actividade que vale mais acender uma luz, mesmo pequena, que maldizer as trevas. Isto lhes lembra que Deus abençoa até o mais pequeno esforço positivo para endireitar o que está torto.

Caso os nossos leitores desejem mais pormenores podem pedi-los para *The Christophers, 18 East 48 th Street, New York 17. E.U.A..*

BIBLIOGRAFIA

«Prêtre, prépare ta Relève» — Abbé Henri Berthe

O Código de Direito Canónico no cânon 1353 diz textualmente: «os sacerdotes, especialmente os párocos, devem pôr particular empenho em afastar dos contágios do mundo os meninos que dêm sinais de ter vocação eclesiástica, formando-os na piedade, iniciando-os nos primeiros estudos literários e cultivando neles o gérmen da vocação divina».

O cânone citado é por assim dizer o resumo do pequeno livro intitulado «Prêtre, prépare ta relève» que passamos a apresentar aos nossas leitores.

A responsabilidade de todos os sacerdotes e dos párocos em especial, no campo das vocações sacerdotais, existe e é mesmo objecto dum cânone. Ora este pequeno livro vem pôr-nos diante dos olhos essa responsabilidade e ajudar-nos a levá-la. No nosso caso (do Patriarcado) o problema tem uma acuidade grande, dada a escassez de clero. Nós precisamos de padres e portanto diz-nos o Cardeal Shuard «um padre que actualmente não pensasse nesse problema, que o tratasse só em último lugar, não cumpriria o seu dever... Se há alguém que deva pensar no futuro da Igreja... é o padre. Partindo desta e doutras afirmações semelhantes, o autor do livro termina o primeiro capítulo afirmando: «um certo número de padres, ficam com consciência tranquila, por causa da ideia demasiado mística que possuem, da vocação. Deixam tudo à graça de Deus, esperando que as crianças ou jovens se declarem». Por isso é preciso possuir ideias claras acerca da vocação, saber em que é que consiste e em que é que não consiste. «Não é uma voz em surdina que Jesus faz ouvir depois duma boa comunhão ao rapaz que Ele deseja que seja padre». Ideia romântica, mas falsa. O próprio atractivo para a vida sacerdotal é acidental e secundário. Duas coisas são essenciais para a vocação: a intenção recta e as aptidões. Isto segundo S.S. Pio XII na Exortação «Menti nostrae» sobre o sacerdócio. Há uma terceira condição que constitue a vocação pròpriamente dita que é o chamamento do Bispo, que no dizer do autor é «automático» (havendo falta de padres, o Bispo chama todos aqueles que se lhe apresentam como «vocabilis».

No cap. III começa o autor por indicar como se prepara o terreno, citando estas palavras esclarecedoras de Pio XII: «o clero paroquial está muitas vezes sobrecarregado de trabalho, absorvido pelo ministério ordinário, pelas exigências da administração, pelas organizações católicas. Será contudo preferível reduzir um pouco certas actividades mais visíveis, mas menos necessárias, para se entregar mais intensamente à formação da juventude».

Em seguida põe-nos a questão: «sobre quem lançar os olhos?» Entre

outras coisas afirma-se que a qualidade da família e a educação, são as duas primeiras coisas para se julgar duma vocação. Indicam-se vários aspectos do problema e sua solução. É preciso pôr o rapaz diante do problema. Neste ponto são duma clareza meridiana as palavras do Cardeal Feltin: «não esqueçamos que a vocação é um apelo. Nosso Senhor não esperou que os Apóstolos se lhe apresentassem para o seguir, mas Ele disse-lhes: «deixai as vossas redes, vinde». O Bispo tem a missão de chamar os apóstolos novos, mas vós padres não esqueçais que sois nas vossas paróquias, nos vossos colégios, nas vossas obras e movimentos os representantes: do Bispo para este apelo».

Do cap. VI em diante põe-nos o autor diante dos olhos questões práticas, em linguagem muito simples, como por exemplo: como orientar uma vocação; mandá-la logo para o Seminário menor? Em que idade? — A colaboração com o Seminário; ajudar o seminarista em férias pela presença do pároco na paróquia, pelo afecto que dispensa ao seminarista, pelo acolhimento, pela vigilância.

Finalmente nos capts. IX e X desenvolve questões diversas e de plena actualidade, nas quais podemos encontrar uma orientação para a nossa acção pastoral no caso concreto das vocações.

O autor termina o seu pequeno livro por uma oportuna citação do Eminentíssimo Cardeal Verdier que em resumo diz: para escolher nas nossas paróquias, nos nossos colégios, nas nossas secções de A.C., vocações sacerdotais, é preciso — um pouco de técnica, mas muito amor —.

BORGES SIMÃO

«PAULIN DE NOLE»

por Denys Gorce

edições ouvrières

Começa o autor por apresentar, embora muito sumàriamente a evolução de Paulino de Nola sob o controle da graça na pista da conversão. Nobre, culto e bem conceituado na sociedade do seu tempo, Paulino acaba por se dar totalmente a Cristo, despojando-se de si mesmo e do mundo e pondo os seus largos bens ao serviço do irmão necessitado.

Devotado por consagração ao culto divino, o seu único desejo é o de servir a Deus na pobreza, no fervor da oração, no silêncio do seu interior. A palavra de Deus para ele torna-se alimento e na amizade verdadeira descobre a alegria e o Amor de Deus.

Paulino de Nola tem uma mensagem a comunicar ao homem de hoje e foi essa mensagem que Denys Gorce quis pôr ao nosso alcance. No mundo as coisas evolvem e aperfeiçoam-se; porém, na essência e nas aspirações íntimas os homens repetem-se e completam-se.

Repetem-se porque Deus é Imutável e termo do desenvolvimento humano e como tal o homem sentiu e sentirá a aspiração a Deus como necessário complemento do seu ser participado; completam-se porque existindo entre os

homens uma verdadeira solidariedade, dignificada e sobrenaturalizada no Corpo Místico, aproveitamos dos outros, outros aproveitam de nós. É nesta linha que o pequeno livro «Paulin de Nole» encerra uma autêntica e palpitante mensagem do homem de ontem ao homem de sempre.

O livro apresenta-nos, pois, a mensagem que Paulino de Nola reflectiu e pessoalmente viveu e como tal ajuda-nos a descobrir o nosso próprio caminho. Gostaríamos de ver um pouco mais desenvolvida a parte respeitante à biografia, ùnicamente para enquadrarmos melhor a segunda parte. Entretanto somos pelo valor real e actual do livro que Denys Gorce, louvàvelmente, pôs ao nosso alcance.

VICTOR GUALDINO

UMA NOVIDADE

DEZ MODELOS DE ESTAMPAS; REPRODUÇÃO DE OBRAS CÉLEBRES DO MUSEU DE ARTE ANTIGA

Faça quanto antes os seus pedidos

Alguns modelos estão quase esgotados

Dirija-se à **Administração de Novellae Olivarum**
Seminário dos Olivais — Lisboa 6

Um cento **12$50**

Quantidades iguais ou superiores a mil — **10$50** o cento

CRÓNICA

Por várias circunstâncias, nomeadamente por falta de espaço, a nossa crónica habitual ùltimamente não tem aparecido. E agora, quando ía novamente a retomar o seu cantinho encontrou a «Novellae» com uma cara nova e viu-se obrigada a mudar também de cara. Por outro lado e na impossibilidade de recolher todo o fio da meada que anda por enrolar desde a última crónica. resolveu pura e simplesmente trazer desta vez só os fragmentos mais importantes do tal «fio».

SEMANA DAS VOCAÇÕES

Como é sabido decorreu entre oito e quinze de Novembro passado. Cá em casa houve todo o empenho em que fosse passada o melhor possível. Todos os problemas referentes às vocações no Patriarcado nos foram apresentados quer em temas de meditação quer em conferências quer ainda em celebrações e cartazes elucidativos para que rezássemos pelas suas resoluções.

30 ANOS DE PATRIARCA

Teve um cunho acentuadamente familiar a sessão que se realizou no anfiteatro dos teólogos no dia dezoito de Novembro celebrando o trigésimo aniversário da nomeação de S. Eminência para Patriarca de Lisboa.

A ORQUESTRA DO SR. P.e FATELA

Oh que agradável aquela tarde do dia vinte e dois de Novembro. O Sr. P.e Fatela da Casa Pia de Beja veio visitar-nos e trouxe a sua orquestra infantil que tocou para nós uma parte do seu vasto reportório. Sim senhor, gostámos de o ouvir — porque ele falou no meio —e gostámos de ouvir o seu conjunto.

ÓRGÃO NOVO

No domingo seguinte numa sessão a que presidiu o Sr. Cardeal Patriarca foi inaugurado o nosso «Wurlitzer» que se deve à generosidade do Sr. Cónego Amaro. O concerto inaugural deu-o o organista António Duarte Silva.

Ourivesaria ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 119-121 - PORTO — Rua Garrett (Chiado), 50 - LISBOA

FUNERÁRIA DE ALMADA

Funerais e Artigos Religiosos

Encarregado: **ORLANDO PARADA**

AVENIDA CRISTO REI, 2 - G ALMADA TELEFONE **071814**

Próximo ao Monumento — Chamadas a qualquer hora

Correspondente em Lisboa:

AGÊNCIA LEMOS

RUA S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 121 — Próximo à Igreja

TELEFONE, **50620**

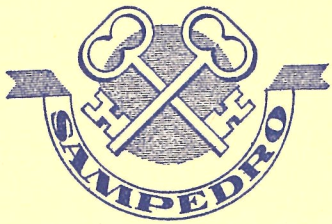
JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.da

Casa fundada em 1832 — A casa mais antiga do País no seu género

LUSTRES, LANTERNAS, PLACAS, CASTIÇAIS, LÂMPADAS, SUSPENSÕES, BANHEIRAS, CALDEIRAS, ESQUENTADORES, FOGÕES DE COZINHA

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado.

RUA DA VITÓRIA, 82-88 **LISBOA** **RUA DO OURO, 166-170**



M. D'OLIVEIRA & MARQUES, L.DA

P. dos Restauradores, 65, 1.º

TELEF. 3 08 76 — L I S B O A

Secção dos Tecidos Pretos R. M.

Tecidos para o Rev.º Clero e seminaristas.

✻

Elasticotines — Sarjas — Tropicais
Casemiras — Merinos — Sobretudos

✻

Alfaiataria — Capas — Gabardines

✻

Condições especiais para Finalistas

Secção de Livraria

Livros estrangeiros — Edições próprias

✻

Revistas estrangeiras: Lumen Vitae — Foyer Notre Dame — Famille et College — Ecclesia — Panorama Chrétien, etc.

✻

Filmes fixos e de movimento: (Catequese — ensino — divertimento)

✻

Máquina de escrever «Antares Micron»

✻

Máquinas de Projecção

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

Telef. 5 **J. d'Oliveira Tavares, Filhos** B. Baixa - CARDIGOS

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

PREMIADA EM 7 EXPOSIÇÕES: 4 ESTRANGEIRAS E 3 NACIONAIS



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

VATICANO

Casa Ruvina

RUA FORMOSA, 173 — PORTO

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

PORTO
RUA INFANTE D. HENRIQUE

LISBOA
ROSSIO, 93-2.º

C. Santos

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, e Seminaristas, Colegiais, etc.

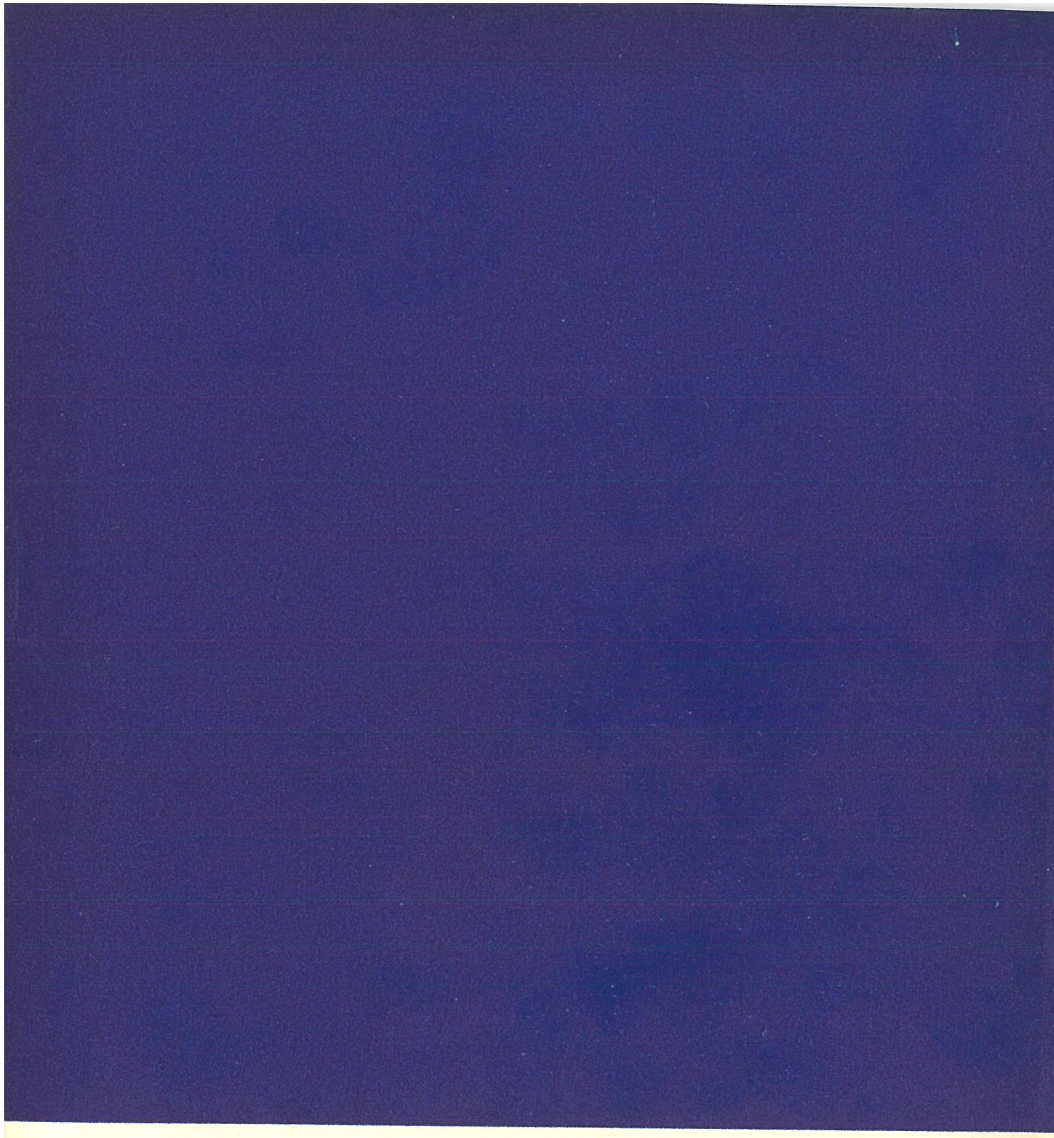
Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecóis e lanifícios de cor.

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

O Café d'A Mariazinha é inconfundível em cor, aroma e paladar.
O nome d'A Mariazinha é segura garantia

Rua Barros Queiroz, 28
Lisboa-2
Av. Rio de Janeiro, 25-B
— Frente à Igreja —
Lisboa-5



FEVEREIRO 1960